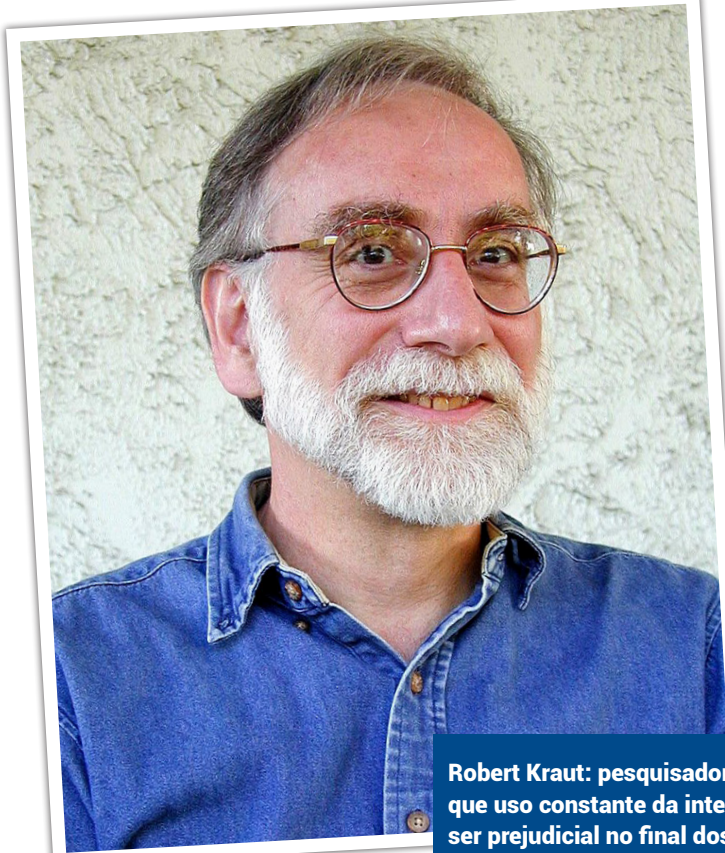


WIKIPEDIA

DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 19 E 20 DE OUTUBRO DE 2025



Robert Kraut: pesquisador já indicava que uso constante da internet poderia ser prejudicial no final dos anos 1990

Viciados em @internet

REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA



30 anos depois, jornalista encara ambiente como meio de expressão

O jornalista Ângelo Davanço foi um dos personagens que tiveram coragem de reconhecer os aspectos negativos da internet. Ele revelou que, nas primeiras semanas após instalar internet em seu computador, atravessava madrugadas com o nariz colado na tela, apaixonado pela inovação. “Fui me isolando e aquilo foi tornando-se um vício. Foi aí que percebi que estava entrando em uma roubada”, comentou.

Mesmo reconhecendo que nunca havia sido fã de badalações, Davanço admitia ter se tornado um verdadeiro ermitão, trocando qualquer interação social por horas de internet. “Todo

mundo que entra na internet muda seu ritmo de vida. Ou seja, vai dormir mais tarde, acorda mal...”

Para o jornalista, que afirmava ter largado o vício e se tornado um homem mais feliz, o maior problema da internet eram as salas de chat (bate-papo). “É uma perda de tempo”, sentenciava.

Convidado pelo Tribuna Ribeirão, Ângelo Davanço lembrou como era a convivência com a web naquela época e revela o modo como encara a internet atualmente. “Passei a encarar este ambiente não como uma distração, mas como um meio de expressão”.

O lado negativo são os sites pornográficos e bate-papos de baixo nível, afirmava Tonelli

De acordo com o IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2024 havia quase 75 milhões de domicílios com internet, o que significa um percentual de 93,6% dos lares do país.

Ou seja, o acesso à rede mundial está enraizado no cotidiano das pessoas. Seja para trabalhar, estudar, pedir comida ou mesmo se divertir, é impossível pensar em nossas vidas hoje sem a internet.

Essa dependência, entretanto, não tem apenas efeitos positivos. O uso excessivo, especialmente das redes sociais, está fortemente associado a um aumento do risco e do agravamento de sintomas depressivos e de ansiedade.

Diversas pesquisas e estudos, nos últimos anos, alertam sobre esses perigos. Mas, no final dos anos 1990, quando a internet começava a ser popularizar e deslumbrava a todos, ninguém ousava ver mal algum naquela que é considerada por muitos como a maior invenção do século passado.

Ninguém? O Tribuna Ribeirão teve essa coragem...

Na época, o jornal foi pautado por uma pesquisa dirigida pelo psicólogo Robert Kraut, da Universidade Carnegie-Mellon, de Pittsburgh, nos Estados Unidos, que indicava que o uso constante da internet prejudica a sociabilidade e

causava depressão.

O estudo, provavelmente um dos pioneiros no assunto, concluiu que apesar das pessoas acessarem – à época – muito mais os chats de comunicação (os famosos bate-papos) do que bancos de dados, o envolvimento e o bem-estar sociais do grupo pesquisado (93 famílias) foi afetado.

“De acordo com a pesquisa, a internet vive uma situação paradoxal: ao mesmo tempo que oferece novas formas de interação e comunicação, pode provocar o isolamento do usuário”, dizia o jornal.

Como era de se esperar, o assunto gerou polêmica, principalmente entre os proprietários de provedores de internet - empresas que forneciam acesso à rede, através da internet discada, usando a linha telefônica.

“Qualquer hobby no qual a pessoa se dedica por muito tempo provoca o isolamento social”, disse Luís Gustavo Assis, proprietário da Convex, utilizando como exemplos a televisão e videogames.

Leandro Romitelli, diretor-comercial da Highnet, afirmava nunca ter visto um internauta chegar a extremos. Somente as mães. “É claro que existem algumas que reclamam que o filho não sai da frente da tela do computador. Mas elas chamam muito mais por questões financeiras do que psicológicas”, disse.

Para quem não se lembra, a in-

ternet discada cobrava os pulsos da utilização da linha telefônica...

Havia quem defendia que a rede mundial era uma aliada a pessoas introvertidas. Para Sérgio da Silva Soares, da Keynet, pessoas “incomunicáveis” tornaram-se mais sociáveis com a web. “A internet não é causadora de coisa alguma. Ela é apenas um espaço de convivência. No cyberspaço as pessoas perdem a timidez, porque a aparência não é importante, e sim o conteúdo”, afirmou, reconhecendo que muitos internautas perdiam a noção de tempo e espaço.

No Colégio Oswaldo Cruz, os alunos e os funcionários tinham acesso à internet, mas as horas de utilização eram controladas. Cada um poderia usar 10 horas mensais. O que ultrapasse esse limite era cobrado.

“Quem utiliza mais é o pessoal do Colegial”, explicou José Ronaldo Tonelli, analista de sistemas e webmaster da NetCoc, a provedora do colégio, se referindo aos alunos do atual Ensino Médio.

Os alunos utilizavam (ou deveriam) a rede como uma biblioteca virtual, acessando informações para seus trabalhos escolares. “Para o estudante, o que a internet tem de melhor é o maior acesso a informações. O lado negativo são os sites pornográficos e os bate-papos de baixo nível”, afirmou Tonelli.

“É curioso revisitar conceitos de quase 30 anos atrás e, mais interessante ainda, constatar que tudo aquilo que se anunciava aconteceu e hoje rende livros e mais livros tentando nos ensinar como lidar com o que que a matéria do Tribuna definiu como “vício”. Óbvio que uma janela para o mundo todo, como demonstrava ser a web, traria fascinação e, por que não, algum nível de dependência.

“Atravessar madrugadas”, como diz o texto, era algo comum para os internautas da época, e tinha uma explicação: era mais barato navegar na calada da noite. E noites mal dormidas impactam a vida de qualquer cidadão.

Hoje tento recordar o que diabos se fazia tanto tempo na Internet, se nem redes sociais existiam? A resposta vem no final do próprio texto original: os chats eram a bola da vez, afinal, de onde você estivesse, era possível conversar com alguém de qualquer canto do planeta. O que se conversava não devia ter grande valia, pois não me lembro de nenhum grande diálogo digno de nota.

O fato é que a virada de chave veio para mim quando mudei da posição de consumidor para produtor de conteúdo na web. Passei a encarar este ambiente não como uma distração, mas como um meio de expressão.

Hoje me vejo tentando explicar para as filhas adolescentes que, no fundo, somos as peças mais importantes para essa engrenagem toda funcionar e dar (muito) lucro para alguns poucos. Se é para ser assim, que seja produzindo algo de valor e não apenas ficar deslizando a tela como se não houvesse amanhã.

O amanhã chega, mesmo três décadas depois!”

Ângelo Davanço, jornalista



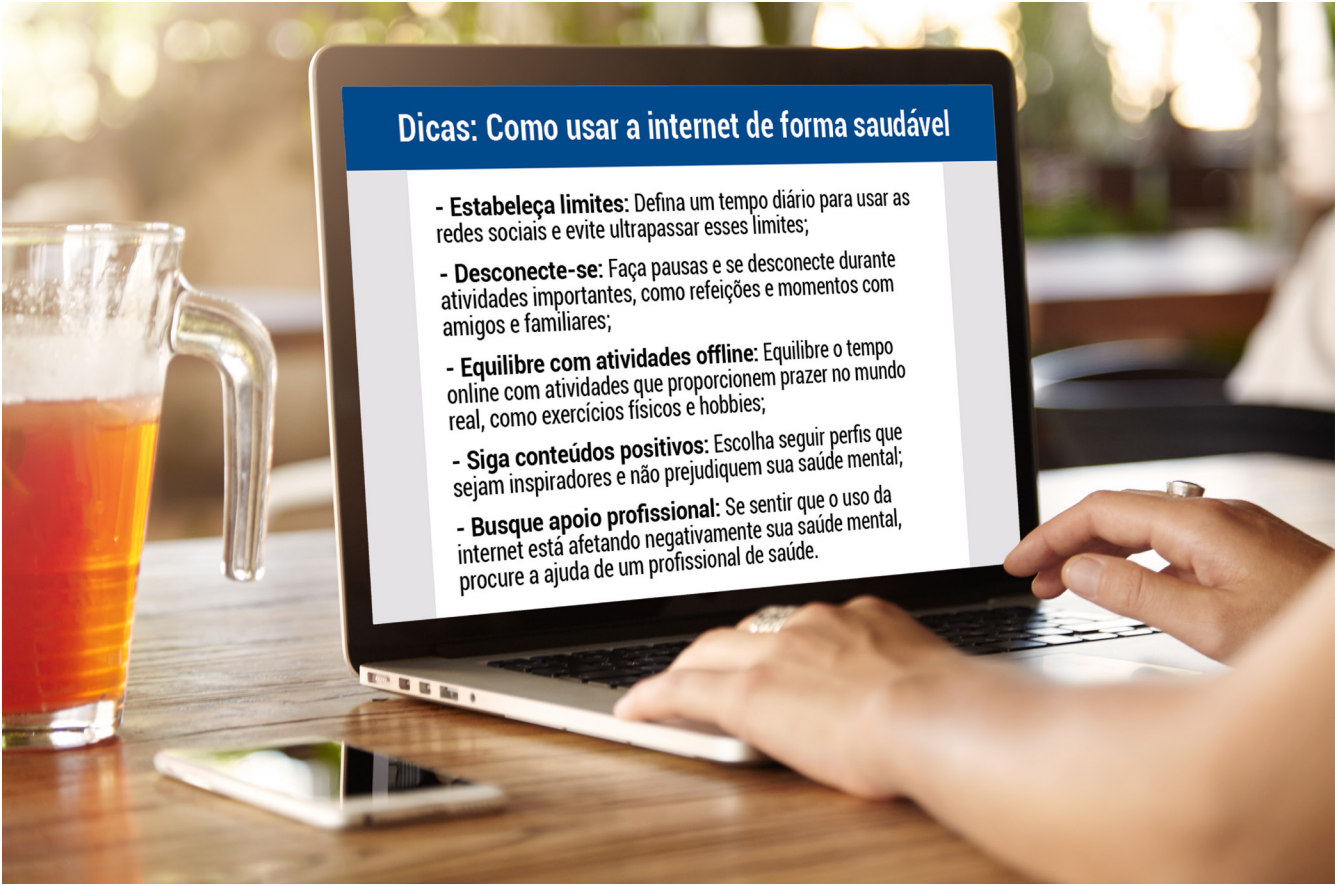
FÁBIO MELO

Internet chegou ao Brasil nos anos 80

A Internet chegou ao Brasil em 1988, graças a um grupo de estudantes e professores universitários paulistanos e fluminenses. Mas foi somente na metade da década seguinte, quando a Embratel inauguração seu serviço de acesso discado e houve o avanço de provedores comerciais, que a rede mundial se popularizou.

Segundo a publicação ‘Informática no Brasil – Fatos e Números’, editada em 1999 com números do ano anterior, o Brasil possuía 215 mil provedores de internet e 2,930 milhões de usuários, um crescimento de 107% em relação a 1997.

No ano passado, segundo o IBGE, o Brasil tinha 141 milhões de usuários. Ou seja, quase nove em cada 10 brasileiros com 10 anos ou mais estava conectado à internet.





Bug do Milênio causou pânico mundial

“Primeiro de janeiro do ano 2000. O sujeito sai de casa para ir à padaria. Chama o elevador, que simplesmente não funciona. Então, resolve utilizar as escadas. Na rua, descobre que está sem dinheiro e decide passar pelo caixa eletrônico. Pelo visor da máquina, descobre que está com um saldo negativo em milhares de reais.

Desesperado, o pobre diabo tem um ataque cardíaco e cai na calçada. Uma ambulância, apesar da demora, encontra o sujeito ainda com vida e o leva ao hospital. Na entrada do local, os computadores apontam que seu convênio médico invalidou-se há quase um século.

Sem atendimento, o cidadão morre. A caminho do paraíso, é recepcionado por São Pedro que, munido de um micro, pergunta pela identidade do recém-chegado. Ao conferir os dados, o velho Pedro se surpreende: ‘Ué, mas aqui diz que você nem nasceu’...

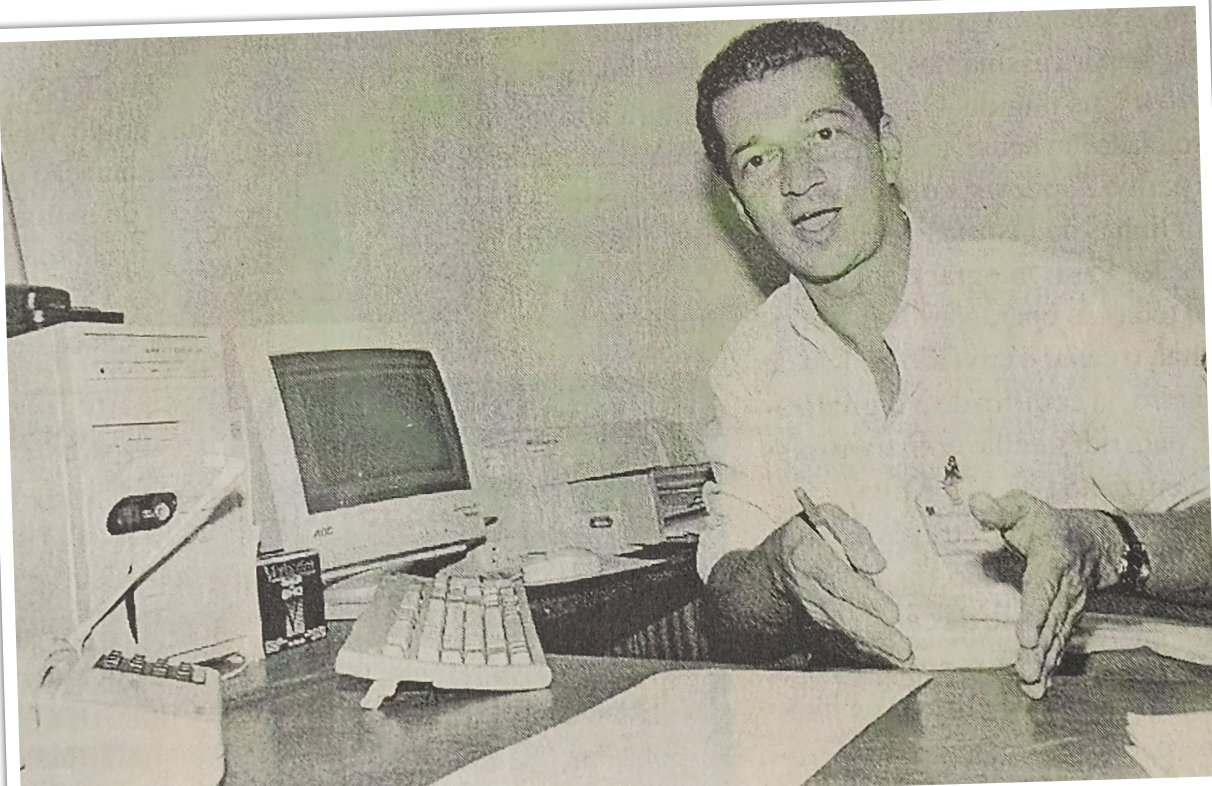
A anedota usada pela Tribuna retrata bem o pânico causado - em todo o mundo, é bom ressaltar - pelo que foi chamado de Bug do Milênio.

Para quem tem menos de 30 anos, uma explicação rápida do que causava tanto pavor: até então, a prática nos sistemas computacionais era armazenar anos com apenas dois dígitos, para ‘economizar memória’. Ou seja, na virada do milênio, os computadores poderiam interpretar ‘00’ como 1900 e não 2000. E esse problema de programação – certamente – pararia o mundo.

“Quando o marcador passar de 31 de dezembro de 1999 para o primeiro dia do próximo milênio, os equipamentos que não foram corrigidos voltarão ao dia 1º de janeiro de 1900”, alertava o jornal.

A questão da economia de memória com o corte do milênio e do século nas datas, que aos leitores de hoje pode não fazer nenhum sentido, também foi explicada pelo jornalista Régis Martins. “Na

José Roberto Soares, da Santa Casa: hospital se preparou com antecedência para o Bug do Milênio



REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA

do observamos que era necessário um trabalho conjunto, porque há muitos casos para serem resolvidos”, explicou Anézio Braghetto Júnior, dono de uma das empresas do grupo. “O bug pode afetar o computador em três níveis: no hardware, no sistema operacional ou nos programas (aplicativos)”.

Evitar o Bug do Milênio não foi fácil. E nem barato. Segundo previsão do Gartner Group, uma das mais importantes consultorias empresariais do mundo, deveriam ser gastos US\$ 600 bilhões em todo o mundo para eliminação dos perigos. No Brasil, a Credicard afirmava já ter gastado, até 1998, R\$ 27 milhões. O Bradesco apontava US\$ 43 milhões de investimentos e previsão de mais US\$ 9 milhões até o ano 2000.

Tranquilidade

Por outro lado, a matéria também mostrava aqueles que não se assustavam tanto com o assunto. O gerente de informática da Santa Casa de Ribeirão Preto, José Roberto Soares, era um deles. “Sou da época em que analistas eram analistas e programadores eram programadores. A maioria destas empresas que prestam assessoria, até um bom tempo, não se preocupavam com a qualidade”, afirmou ele. “Na Santa Casa já estamos desenvolvendo alterações de programas para encerrar o ano 2000 há seis meses”.

No Brasil, o governo se reunia para estabelecer prazos para as mudanças. Estados e municípios também já baixavam normas para não ficarem fora da adaptação. Em Ribeirão Preto, o secretário de Administração e ex-superintendente da Coderp, Armando Scozzafave, afirmou que desde o início do ano alguns programas já vinham sendo atualizados e a companhia tinha um cronograma para efetuar a conversão total até o final de 1998.



REPRODUÇÃO / DUNCAN SALIC

31 de dezembro de 1999, 23h59: data e horário fatídicos do Bug do Milênio

década de 70 as memórias e computadores eram muito caras e a cada 100 dígitos cortados economizava-se US\$ 1. Daí utilizar dois dígitos no lugar de quatro”.

Informática e tecnologia sempre foram assuntos em destaque no Tribuna. Com o Bug do Milênio, não poderia ser diferente. O jornal mostrou ações que vinham sendo realizadas para que possíveis falhas não ti-

vessem consequências graves.

“Nos Estados Unidos, o governo criou uma secretaria especial para cuidar do assunto e, na Inglaterra, existem normas de orientação para a indústria da informática. Mesmo no Brasil, onde vivemos em constante atraso tecnológico, cerca de 40% das grandes empresas já estão desenvolvendo projetos para correção”, informou.

Mas, em Ribeirão Preto, havia quem ainda temesse pelo pior. E, para aumentar o pânico dos apavorados de plantão, eram especialistas em informática!

“Não está ocorrendo a reação necessária para o fato”, considerava Arivaldo Somadossi, proprietário de uma empresa de informática. Para ele, muita gente ainda não havia se dado conta da gravidade do proble-

ma e o tempo estava passando. “Não se sabe exatamente o que pode acontecer no ano 2000. Os sistemas podem parar total ou parcialmente. Imagine se isso acontece em redes de bancos, hospitais e no próprio governo?”.

Para tentar evitar isso (e aumentar o faturamento, claro), ele e outros três empresários da área ofereciam consultoria contra o Bug do Milênio. “Tudo surgiu quan-

Apesar do temor, bug foi inofensivo

No final, além de gerar medo e polêmicas por conta dos grandes lucros gerados para as empresas de informática, o Bug do Milênio deixou como saldo vários filmes e é hoje considerado como um dos casos registrados pela história de pânico coletivo vazio de fundamentos.

Foram apontadas poucas falhas decorrentes do bug, que se revelou quase inofensivo.

Parte dos sistemas desenvolvidos anteriormente já possuía alguma previsão para a virada do milênio. Exemplo disso é o COBOL, que adicionava 1900 ao ano sempre

que este fosse maior que 25. E adicionava 2000 a todos os anos anteriores a 25. Assim, ‘24’ seria interpretado como 2024, e ‘26’, como ‘1926’.

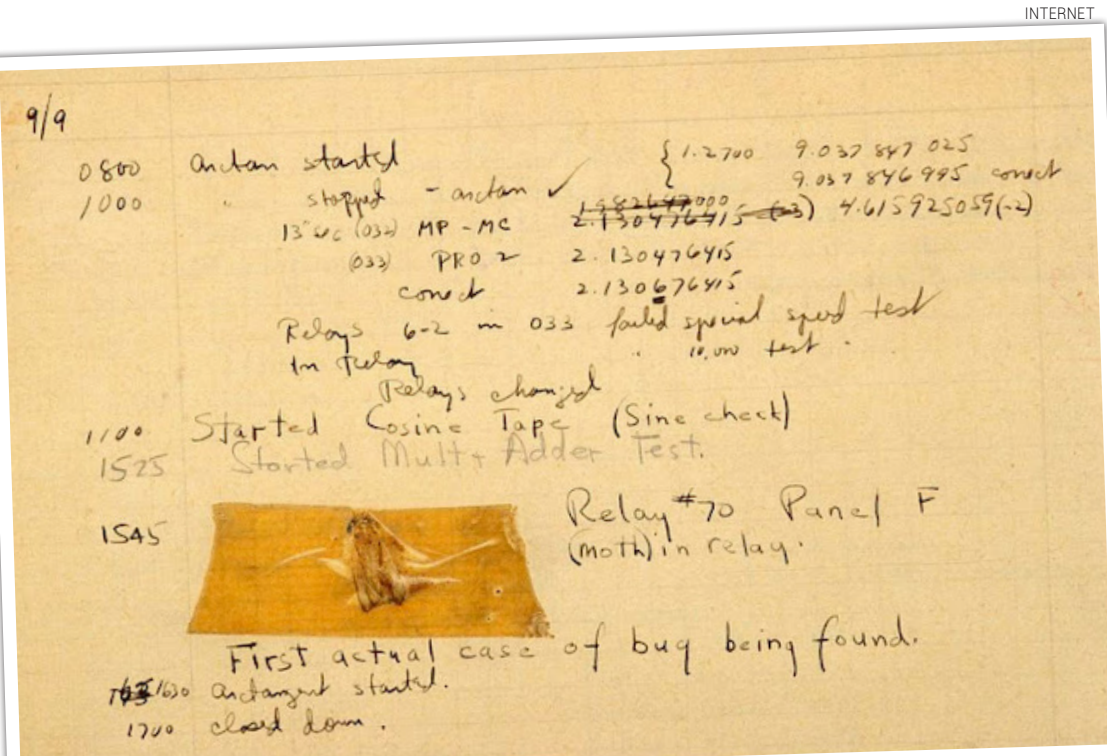
Nos computadores da Apple era utilizada a contagem de segundos desde 1º de janeiro de 1904, com o sistema operacional se encarregando de converter os segundos em data.

Além disso, o grande avanço da informática aconteceu a partir da segunda metade dos anos 1990 e nesta época os sistemas já estavam preparados para o problema e os velhos computadores afetados pelo erro substituídos.

Por que bug?

Parte do nosso vocabulário, a palavra “bug”, usado para descrever um erro ou falha em um software ou hardware que causa um comportamento inesperado, vem do inglês “inseto”. E está exatamente aí o início do seu uso coloquial: em 1947, uma mariposa causou problema em um computador da IBM, tornando a palavra sinônimo de falha.

A palavra deu origem ao verbo “bugar”, que é muito usado no cotidiano para descrever sistemas que apresentam defeitos ou travam.



INTERNET

Registro do primeiro “bug” que se tem notícia, em um computador da IBM, em 1947

Varig pousa em Ribeirão e acirra o mercado

A Varig, primeira companhia aérea do Brasil e uma das maiores do mundo nas décadas de 1960 a 1980, escolheu Ribeirão Preto, em 1998, para marcar seu ingresso no mercado regional.

Em julho, a empresa pousou o Boeing 737-300 no Aeroporto Leite Lopes e passou a oferecer descontos de até 60% no preço das tarifas em voos diretos para São Paulo, Brasília e até Belém.

“Nós percebemos que havia uma demanda muito forte no mercado”, informava o gerente de vendas da Varig em Ribeirão, César Augusto Lima Santos. Na época, a ACIRP | Associação Comercial e Industrial de RP pleiteava melhores tarifas e mais horários às empresas aéreas.

Uma passagem até São Paulo, pela Varig, custava a partir de R\$ 55. Para Brasília, R\$ 85; e se o destino fosse Belém, R\$ 188.

Com esses descontos, afirmava o gerente da empresa, mudaria o perfil do cliente. “Além disso, vamos dar oportunidade àquele passageiro que não gosta de viajar em aparelhos pequenos”, enfatizou, destacando a diferença entre o 737-300 e as demais aeronaves que pousavam na cidade.

Nesta época, quatro outras companhias regionais operavam no Leite Lopes: TAM, Passaredo, Interbrasil e Rio Sul, as duas últimas subsidiárias da Transbrasil e da própria Varig, respectivamente.

A maior fatia do merca-

do pertencia à TAM – atual Latam. A empresa embarcava 70% dos passageiros que passavam pelo aeroporto. “O grande diferencial é que atendemos bem. O executivo é a nossa principal clientela”, salientou José Manuel Tão, gerente regional da TAM.

Na guerra entre as companhias aéreas, quem levou a melhor foram os passageiros. Fernando Nunes, administrador do Daesp | Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo, responsável pelo Leite Lopes, comemorava. “Com a queda das tarifas, está ficando o mesmo preço viajar de carro ou avião”.

Com isso, o aeroporto seguia registrando aumentos mensais no volume de passageiros.



REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA

Boeing 737-300 da Varig no Aeroporto Leite Lopes



Agrishow começava a ganhar destaque

Neste ano, quando comemorou sua 30ª edição, a Agrishow - Feira de Tecnologia Agrícola quebrou todos os recordes. Foram registrados R\$ 14,6 bilhões em intenções de negócios no setor de máquinas e implementos agrícolas. De quebra, o evento recebeu o maior público da história: 197 mil visitantes, durante os cinco dias de feira, que é considerada a maior do setor em toda a América Latina.

Foram mais de 800 expositores, em uma área de 520 mil metros quadrados.

Por números como esses, a Agrishow exerce grande impacto econômico, não só em Ribeirão Preto, como em toda região. Nesta edição, o prefeito Ricardo Silva estimou que tenham sido injetados mais de R\$ 500 milhões na economia local e regional.

Mas, nem sempre foi assim. A primeira edição da Agrishow, em maio de 1994, movimentou 500 milhões de dólares – ainda não existia o Real, criado alguns meses depois. Um ano depois, 26 mil pessoas compareceram à feira.

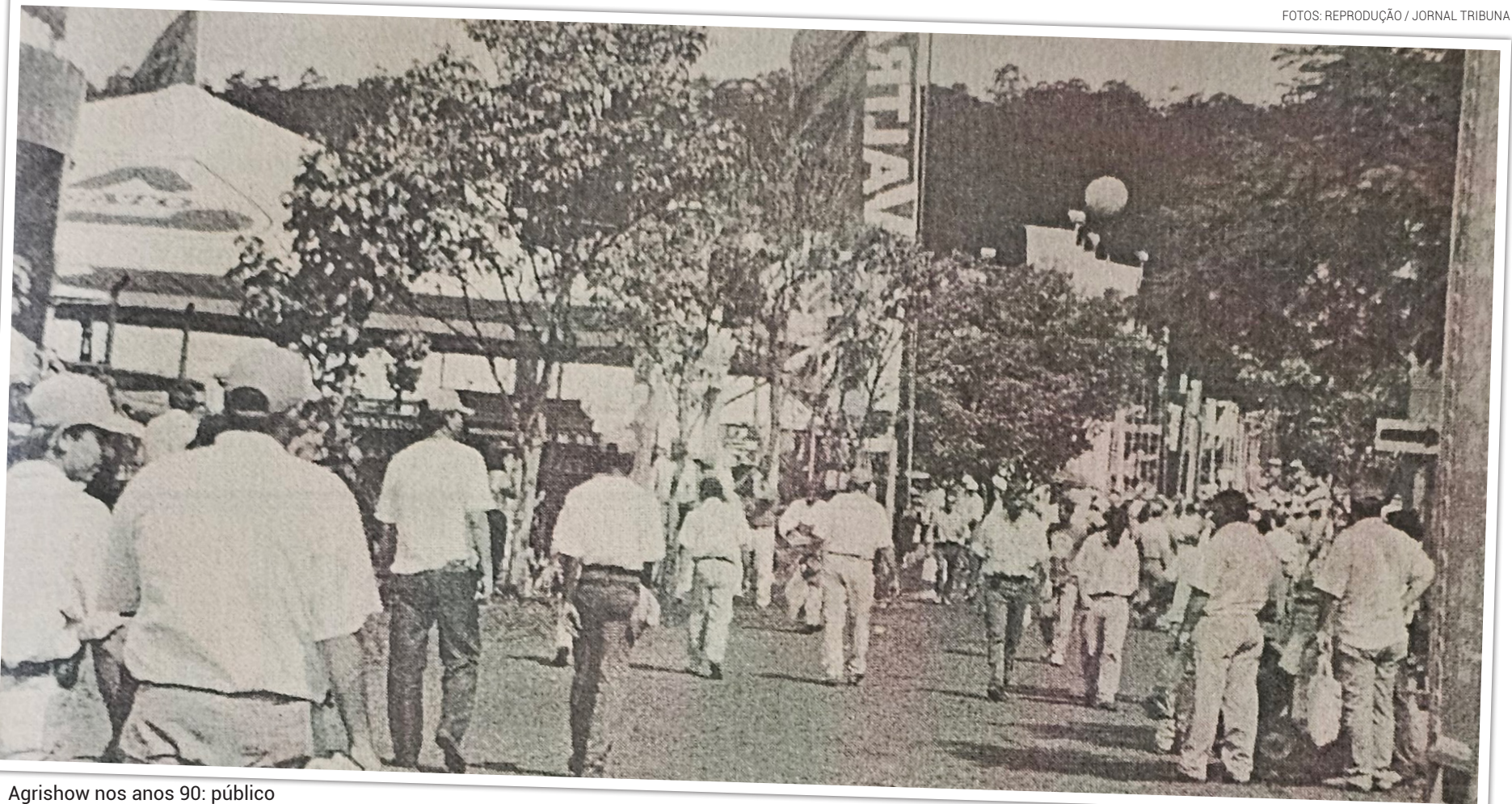
Naquela época, a visita de presidentes de República - como FHC e Lula, nos primeiros anos - e políticos era mais notícia do que a própria Agrishow, que hoje tem cobertura destacada em todos os veículos locais e regionais, que mantém equipes dentro da feira com produção de conteúdo diariamente.

A primeira edição internacional foi em 1997, com a participação de expositores do Uruguai, Argentina e Paraguai. Com isso, saltou-se de 137 para mais de 200 empresas na Agrishow!

Foi o início da consolidação da Agrishow como maior evento do agrobusiness do país – ainda não se falava em América Latina...

Em 1998, em matéria de capa, o Tribuna era otimista: “Em 97, foram contabilizados R\$ 450 milhões em volume de negócios e para este ano são previstos R\$ 600 milhões. Os números são compatíveis com o superaquecimento do setor agrícola, o maior segmento econômico do país, responsável por 35% do PIB brasileiro”.

“Aqui não tem roda-gigante e nem grandes shows, porém o visitante encontra tecnologia de ponta”, afirma-



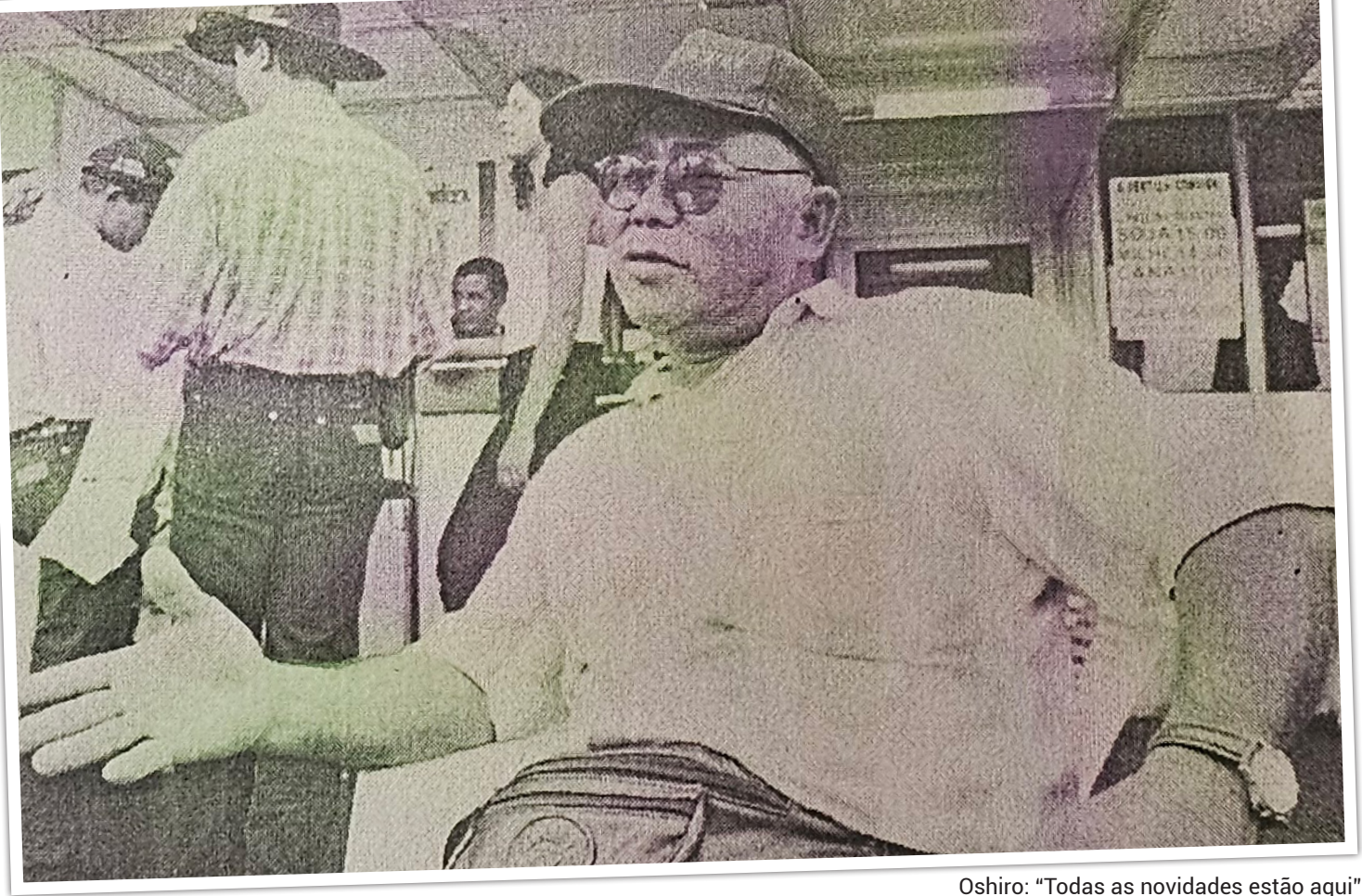
Agrishow nos anos 90: público ainda estava bem distante do atual

va Sérgio Magalhães, presidente da Abimaq | Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos, uma das entidades responsáveis pela Agrishow/98.

O Tribuna Ribeirão destaca que a presença de dois bancos oferecia linhas especiais de financiamento diretamente na feira. O produtor, porém, deveria se preparar para gastar: uma colheitadeira de algodão, por exemplo, não saía por menos de R\$ 250 mil. “É preciso estar atento aos grandes lançamentos. Sem tecnologia, não há produtividade”, ressaltava Magalhães.

Segundo o presidente da Abimaq, organizar um evento como Agrishow naquela época já não era coisa para principiantes. Além do alto custo, cerca de US\$ 2 milhões, era necessária uma infraestrutura comparável às maiores feira do mundo.

“Todas as novidades estão aqui”, disse o agricultor Antônio Oshiro, produtor de algodão, soja e milho no interior do Paraná. Era sua terceira participação em cinco edições da Agrishow. “Este ano quero financiar uma colheitadeira. A agricultura melhorou nos últimos tempos porque pelo menos temos maior



Oshiro: “Todas as novidades estão aqui”

acesso à tecnologia”.

A Agrishow/98 – 5ª Feira Internacional de Tecnologia

Agrícola em Ação aconteceu de 27 de abril a 2 de maio, na Estação Experimental

Ney Bittencourt de Araújo, do Instituto Agronômico de Ribeirão Preto. Participaram

301 expositores, ocupando uma área de mais de 60 mil metros quadrados.

Feapam era a maior feira agropecuária de São Paulo

Apenas três meses após a Agrishow, era aberta oficialmente a 21ª Feapam | Feira Agropecuária da Alta Mogiana, então considerada a maior do gênero no Estado de São Paulo com seus leilões e exposições.

A previsão dos organizadores era de um movimento de negócios de R\$ 30 milhões – ou seja, 5% do volume gerado pela Agrishow. Para alcançar esses números seriam 700 expositores e um público estimado em 300 mil visitantes.

Mas, ao contrário da Agrishow, onde o interesse do público é quase que totalmente dedicado às máquinas e equipamentos, na Feapam parte dos atrativos para os visitantes eram os shows.

Entre as atrações confirmadas para 1998 estavam o cantor sertanejo Leonardo, a banda AraKetu e o grupo de pagode Karametade.

A Feapam/98 aconteceu de 1 a 9 de agosto, no Parque Permanente de Exposições.

História

A Feapam começou a ser realizada no final dos anos 1970. Para receber a feira, a Coderp | Companhia de Desenvolvimento de Ribeirão Preto iniciou a construção do então Parque Presidente Emílio Garrastazu Médici, conhecido mais tarde e até os dias de hoje como Parque Permanente de Exposições.

A partir do crescimento da Agrishow, com foco maior na tecnologia agrícola, e uma série de incidentes violentos (em 2000, um carro levou mais de 40 tiros após deixar o evento), a Feapam se voltou mais para o entretenimento e começou a perder força.

Em 2001, a Feapam deixou de ser organizada pela prefeitura, alegando prejuízos acumulados. Pouco depois, não mais foi realizada.

Ceterp lança cartões telefônicos da Feapam e pontos turísticos

Os 21 anos da Feapam foram comemorados com o lançamento de um cartão telefônico pela Ceterp | Centrais Telefônicas de Ribeirão Preto. A homenagem reproduz uma foto aérea da Feira Agropecuária da Alta Mogiana, feita pelo fotógrafo Carlos Natal.

Na época, a mídia, no formato de um cartão bancário, substituiu as fichas telefônicas, podendo ser usadas em telefones públicos, os famosos ‘orelhões’.

Cada cartão tinha 20 créditos, com 2 minutos por ligação local. A tiragem foi de 50 mil cartões. Segundo a matéria do jornal Tribuna, os cartões se esgotaram rapidamente na Ceterp.

Esse foi o segundo cartão telefônico lançado pela Ceterp. Até ser vendida para a Telefônica, a companhia lançou mais de 40 cartões, com imagens e quantidades diferentes de créditos, mostrando pontos turísticos de Ribeirão Preto, como o Palácio Rio



Grandiosidade da Feapam ganhou homenagem em cartão telefônico da Ceterp

Branco, o Museu do Café, as Sete Capelas, o Bosque Municipal e seus orelhões temáticos, a Praça XV e a Orquestra Sinfônica.

Cartões telefônicos

Até os anos 1990, os telefones públicos eram geralmente carregados com créditos a partir de moedas ou fichas telefônicas.

Com o avanço da tecnologia, buscou-se uma solução mais prática do que o uso das fichas metálicas, que tinham como inconveniente o peso e a necessidade de carregar muitas delas para ligações mais longas.

A partir de 1987, foram realizados pela Telebras diversos testes a partir da

implantação do projeto TP-Cartão. Inicialmente era usado um padrão inglês, mas acabou sendo implantado o sistema indutivo, inventado pelo engenheiro brasileiro Nelson Guilherme Bardini.

O primeiro telefone a cartão foi apresentado durante o GP Brasil de Fórmula, em abril de 1992. Já o lançamento oficial ao público ocorreu na ECO-92, conferência mundial da ONU sobre meio-ambiente, realizada no Rio de Janeiro, no mesmo ano.

Nessa ocasião foi lançada a primeira série, composta de oito modelos de cartões, todos com motivos da fauna e flora brasileira.

Em 1994, a Telebrás lan-

çou as primeiras séries, distribuindo-as para todo o país. Três anos depois, as companhias telefônicas regionais de todo o Brasil, incluindo a Ceterp, passaram a lançar suas próprias séries.

Com essa popularização, surgiu o hábito de colecionar os cartões telefônicos, conhecido como telecartofilia. Foi um hobby muito popular no Brasil até o início dos anos 2010, devido à facilidade de conseguir as mídias e diversidade de temas e ilustrações.

Apesar de ter tido um pico de popularidade maior, a prática persiste, com lojas online e grupos em redes sociais dedicados à compra e venda de cartões raros e antigos.



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Para ele virar um Hitler falta muito pouco”.



José Avelino Franco do Amaral, então recém-demitido do cargo de secretário de Esportes, sobre o prefeito Luiz Roberto Jábali.

“Vou apenas fazer o que aprendi com o meu pai: trabalhar”.



Baleia Rossi, filho do então deputado federal e ex-secretário estadual de Esportes Wagner Rossi, ao assumir o cargo de José Avelino.

“É como feira livre. Todo mundo precisa, mas ninguém quer em frente de casa”.



Djalma Marinho Cunha Filho, promotor de Justiça Criminal, ao comentar sobre a Cadeia Pública que seria construída em Ribeirão Preto.

“Pode ser que alguém ache afrodisíaco o trabalho doméstico. É uma questão de opinião... Talvez assim os homens se interessem em dividi-lo”.



Marta Suplicy, psicóloga, sexóloga e política, comentando uma pesquisa realizada pela Universidade de Sorbone, na França, na qual a maioria das mulheres consideraram os trabalhos domésticos como uma espécie de afrodisíaco sexual.

“A Carla Perez vive aparecendo e vira uma deusa apenas porque rebola em cima de uma garrafa de cerveja”.



Suzana Vieira, atriz, sobre a bailarina que ganhou fama nacional, em 1995, no grupo de pagode baiano ‘É o Tchan!’, com coreografias e roupas sensuais.

“Vou começar a usar roupas mais comportadas. Meu antigo trabalho como dançarina não tem nada a ver com o que eu faço na TV”.



Carla Perez, então em nova fase, como apresentadora de programa de variedades no SBT. A primeira experiência da ‘Loira do Tchan’ na emissora foi o Fantasia.

“Sempre votamos privilégios nesta Casa; mas fazer o que? Que se mude o governo, ou que se mude o regime”.



Cícero Gomes da Silva, vereador por nove mandatos consecutivos, tentando justificar a aprovação da aposentadoria especial.

“É o maior ato de estelionato da cidade que eles vão cometer”.



José Roberto Silva, sindicalista, alertando os vereadores sobre a aprovação da venda da Ceterp.